



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOPEDAGOGIA

Liliane Cunha da Silva

**AUDIODESCRIÇÃO: UM RECURSO FACILITADOR PARA
APRENDIZAGEM DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO
ENSINO SUPERIOR**

Orientadora: Prof. Dr^a. Norma Maria de Lima

JOÃO PESSOA

2015

LILIANE CUNHA DA SILVA

AUDIODESCRIÇÃO: UM RECURSO FACILITADOR PARA
APRENDIZAGEM DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO
SUPERIOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
curso de Bacharelado de Psicopedagogia do
Centro de Educação da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Norma Maria de Lima

Aprovado em: 04/12/2015

BANCA EXAMINADORA

Norma Maria de Lima
Prof^a Dra. Norma Maria de Lima (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba

Joana Belarmino de Sousa
Prof^a Dra. Joana Belarmino de Sousa (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

AUDIODESCRIÇÃO: UM RECURSO FACILITADOR PARA APRENDIZAGEM DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO SUPERIOR

Resumo: Este trabalho aborda a audiodescrição como ferramenta pedagógica inclusiva na sala de aula, consistindo na transformação de todo conteúdo visual que não pode ser visto pelas pessoas com deficiência visual, em conteúdo verbal. Tendo como objetivo principal analisar o uso da audiodescrição como recurso de mediação na prática pedagógica, que possibilita o acesso a informações visuais contidas na sala de aula para pessoas com deficiência visual, especificamente pretendemos buscar melhorias no processo de ensino aprendizagem da pessoa com deficiência visual, apresentar a técnica como forma de aprimorar o processo de ensino aprendizagem e socializar com a comunidade acadêmica sobre a importância da audiodescrição como facilitadora da aprendizagem do deficiente visual. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, de corte-transversal, tendo por finalidade a identificação e definição de problemas relevantes ao tema. Contamos com a participação de 3 alunos com deficiência visual da Universidade Federal da Paraíba, de ambos os sexos e de faixa etária diferenciada. Adotamos como instrumento de pesquisa um questionário contendo 13 questões, sendo inicialmente 11 questões objetivas, para medir a frequência de determinadas respostas, além de 2 questões subjetivas, afim de acrescentar possíveis considerações, a cerca das perguntas anteriores, servindo como complemento discursivo. Os dados deste estudo foram analisados de acordo com a Análise de Conteúdo proposta por Bardin, por meio de três temas de análise: O primeiro tema com relação “*Ao professor e a utilização de recursos tecnológicos e imagens*”, o segundo tema sobre “*O professor e práticas gestuais*” e o terceiro tema evidenciando “*As maiores dificuldades e as possíveis soluções*”. Apesar de percebermos que a universidade vem tentando melhorar enquanto um espaço social e inclusivo ficou evidente que todos os alunos pesquisados não acreditam que a maioria dos seus professores estejam capacitados para ministrar aulas para deficientes visuais, principalmente em função da ausência de materiais adaptados. Constatamos, então, que é necessário repensar algumas práticas metodológicas dentro da academia e reconstruir atitudes e aulas realmente inclusivas dentro de cada curso, garantindo um espaço de aprendizagem em igualdade de condições para todos os alunos.

Palavras-chave: Audiodescrição. Deficiência Visual. Prática Pedagógica. Sala de aula.

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados do último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil existem cerca de 35,7 milhões de pessoas com algum nível de deficiência visual, representando assim 18,8% da população brasileira (IBGE, 2010). A deficiência visual é a mais recorrente, podendo ser congênita ou adquirida, encontrada seja na pessoa com perda total da visão, considerada cega e também aquela pessoa com perda parcial que se atribui com baixa visão.

De acordo com a Convenção da ONU de 2006 sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, ratificada no Brasil pelo Decreto nº 186/2008 e pelo Decreto nº 6949/2009, reconhece que a deficiência é um conceito em evolução, entendido assim resultante:

[...] da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às **atitudes e ao ambiente** que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas. (BRASIL, 2009, Preâmbulo, grifo nosso).

Assim, compreendemos que o desenvolvimento pleno da pessoa com deficiência, nesta perspectiva, não se encontra nela, mas está ligado ao ambiente que a ela se insere em consequência, por exemplo, de fatores, econômicos, políticos, sociais, pedagógicos, entre outros, que são algumas das barreiras encontradas neste percurso.

Neste trabalho, abordaremos as pessoas com deficiência visual, que se caracterizam pelo declínio na percepção da presença de luz e na sensação da forma, do tamanho e também da cor de um estímulo visual. Elas possuem dificuldades em captar e compreender a informação visual, em decorrência de sua limitação sensorial, e também limitações nos processos de comunicação e mobilidade. (TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007 apud CAMPOS, 2015).

Consequentemente, as pessoas com deficiência visual fazem uso de tecnologia assistiva para proporcionar-lhes melhores condições de vida, em sua autonomia, independência além da inclusão social. No âmbito da universidade, estes recursos muitas vezes podem demorar a chegar em tempo ágil para atender as necessidades cotidianas dos deficientes no ambiente acadêmico, o que pode dificultar a aprendizagem dos alunos.

Na busca pela construção do universo visual, que é repleto de significados, a Psicopedagogia área que estuda o processo de aprendizagem humana, suas múltiplas e melhores formas de aprender, dirige-se ao campo da Comunicação, precisamente da Tradução Visual como subsídio para a melhoria da qualidade da prática pedagógica inclusiva. Logo, neste aspecto, apresentaremos a audiodescrição como um recurso de tecnologia assistiva,

neste caso de custo acessível, capaz de preencher lacunas encontradas entre um repleto universo visual contido dentro da sala de aula.

A audiodescrição consiste na transformação de todo conteúdo visual, que não pode ser visto pelos deficientes visuais em função de sua limitação sensorial, em conteúdo verbal, (MOTTA, 2013). Recursos inevitavelmente presentes nas salas de aula, fonte inicial levantada pela temática desta pesquisa, como forma de melhoria, dinamicidade e estímulo nos encontros pedagógicos, como por exemplo, filmes, vídeos, imagens, slides, gestos complementares para a explicação de determinado assunto. Materiais que são de extrema importância para favorecer o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, que precisam ser pensados em atender as necessidades de todos os alunos, videntes e não videntes.

Consideramos relevante inserir a audiodescrição na prática pedagógica do professor, com intuito de ultrapassar qualquer barreira que possa surgir no processo de aprendizagem do deficiente visual. É de elevada importância que o profissional busque alternativas e adaptações aos materiais expostos na sala de aula, sabendo que, em grande parte das vezes ele mesmo pode fazer a audiodescrição de forma mais informal no cotidiano acadêmico.

Todo o material deve atender as necessidades específicas de cada aluno, então a exibição de conteúdo visual para o aluno que tem dificuldade ou não pode enxergar, faz com que existam entraves na compreensão do que está sendo exibido. Através da audiodescrição, estes elementos visuais, serão apresentados sem maiores prejuízos aos alunos com deficiência visual, possibilitando igualdade de oportunidades e acesso a informação ao mesmo tempo em que os demais alunos.

Portanto, este trabalho parte do objetivo principal de analisar o uso da audiodescrição como recurso de mediação na prática pedagógica, que possibilita o acesso a informações visuais contidas na sala de aula para pessoas com deficiência visual, especificamente pretendemos buscar melhorias no processo de ensino aprendizagem da pessoa com deficiência visual, apresentar a técnica como forma de aprimorar o processo de ensino aprendizagem e socializar com a comunidade acadêmica sobre a importância da audiodescrição como facilitadora da aprendizagem do deficiente visual.

2 TECNOLOGIA ASSISTIVA: CAMINHOS PARA INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE.

Compreendendo que os alunos com deficiência visual (DV), assim como, todos os outros estudantes aprendem e consolidam seus conhecimentos mediante suas relações sociais e o meio no qual está inserido. (VYGOTYSK, 1999). A pessoa com deficiência, especificamente, o cego ou aquela com baixa visão, não tem apenas pela visão contato com o mundo ao seu redor, visto que, tal sentido não é fator decisivo para possibilitar que ela se comunique e interaja com seus professores e demais colegas.

Para tanto, se faz necessário extinguir as barreiras que fazem com que o DV participe plenamente da sociedade, no caso específico, do universo acadêmico. A Tecnologia Assistiva (TA), assume o papel de mediadora entre a pessoa e o objeto, chamada também de tecnologia de apoio. (NUNES; FONTANA; VANZIN, 2011). No Brasil, por intermédio do Comitê de Ajudas Técnicas – CAT, instituído pela portaria nº 142, de 16 de novembro de 2006, propõe-se o conceito a seguir:

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, **recursos, metodologias, estratégias, práticas** e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social. (CORDE apud BERSCH, 2013, grifo nosso).

Em meio a estes recursos, metodologias, estratégias e práticas de TA, está a audiodescrição, a qual através de posturas e atitudes inclusivas possibilita a pessoa com deficiência visual compreensão daquilo que não se enxerga, mas a mensagem é entendida através das palavras ditas.

Desta maneira, quando se tratando de pessoas com deficiência visual (Lima, 2011) defende a audiodescrição (AD) como um recurso inclusivo de TA relevante para aprendizagem, assim sendo:

A tradução visual, aqui na forma de áudio-descrição, pode ser considerada tecnologia assistiva, visto que consiste em uma atividade que proporciona uma nova experiência com as imagens, em lugar da experiência visual perdida (no caso das pessoas cegas adventícias), e consiste em tecnologia assistiva, porque permite acesso aos eventos imagéticos, em que a experiência visual jamais foi experimentada (no caso das pessoas cegas congênitas totais). Em ambos os casos, porém, é recurso inclusivo, à medida que permite participação social das pessoas com deficiência, com igualdade de oportunidade e condições com seus pares videntes. (LIMA, 2011, p.9).

Para BERSCH (2013), a TA deve ser compreendida como uma assistência que irá favorecer a ampliação de uma habilidade funcional deficitária ou proporcionará a realização

da função almejada que está impossibilitada em decorrência da deficiência. Logo, afirma que o objetivo maior da TA é possibilitar à pessoa com deficiência maior independência, qualidade de vida e inclusão social, para tanto ampliando sua comunicação, mobilidade, controle de seu ambiente, além de habilidades de seu aprendizado e trabalho.

Na área da educação, a tecnologia assistiva (TA) proporciona aos alunos a realização de suas atividades acadêmicas, e também acessibilidade para conteúdos diversos, repletos de informações visuais. Então, o conhecimento sobre a técnica da audiodescrição (AD) para utilização na mediação da prática pedagógica possibilita ao aluno ampliação do seu entendimento aos materiais exibidos no cotidiano da sala de aula.

No contexto da sala de aula, trata-se de um recurso ou ferramenta pedagógica de acessibilidade. Ao pensarmos em acessibilidade, nos deparamos inicialmente com rampas de acesso para deficientes físicos, pisos táteis para deficientes visuais, ou ainda o Intérprete de LIBRAS para os deficientes auditivos, porém segundo o decreto 5.296, de 2 de dezembro de 2004, acessibilidade é condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida. (BRASIL, 2004)

Portanto, especificamente, no ambiente de uma sala de aula acessível nos ateremos à condição do termo para “sistemas e meios de comunicação e informação”, considerando o fato de ser crescente a entrada de estudantes com deficiência no ensino superior, direito este garantido por lei, logo o que defendemos aqui neste trabalho é que as pessoas com deficiência não só entrem, mas tenham também seu direito garantido em igualdade de oportunidades na aprendizagem, permanência e conclusão dos cursos iniciados.

Autores como (STAIMBACK; STAIMBACK, 1999), defendem que o ambiente educacional se adeque a política de educação inclusiva, que traz em sua filosofia que todos podem aprender juntos no mesmo ambiente, porém para isso devem ser criadas estratégias onde todos se ajudam, professores e alunos, afim de que suas necessidades educacionais sejam satisfeitas.

Para Mittler (2003), no campo da educação, a inclusão envolve um processo de reforma e de reestruturação dos sistemas de ensino, objetivando que todos os alunos tenham acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais ofertadas pelos sistemas de ensino. Para que isso ocorra, o autor considera fatores importantes, dentre eles: o currículo, a avaliação e a pedagogia e as práticas de sala de aula, este último ponto fundamental na discussão desta pesquisa.

3 PSICOPEDAGOGIA, EDUCAÇÃO E AUDIODESCRIÇÃO: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

3.1 CONHECENDO A AUDIODESCRIÇÃO

Adquirir informação através de meios audiovisuais é um fator crescente na sociedade atual, em consequência do desenvolvimento das novas tecnologias, portanto, para as pessoas cegas ou com baixa visão, a compreensão do que não é visualizado, pode ser um fator excluente em decorrência de barreiras de acesso a determinados conteúdos, como imagens, gráficos, filmes e vídeos, materiais que servem como auxílio na aprendizagem dentro das salas de aulas. Para Campos (2015), na tentativa de diminuir essas barreiras, um recurso de acessibilidade de grande utilidade para as pessoas com deficiência visual é a audiodescrição.

Desta maneira, a audiodescrição (AD) mostra-se como um recurso de acessibilidade no qual permite a pessoa com deficiência visual (DV) adquirir o entendimento das situações que se passam ao seu redor, através da tradução de tudo que não é visualizado em palavras.

Segundo Motta (2006), a audiodescrição é:

Um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais (peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas, desfiles, espetáculos de dança), turísticos (passeios, visitas), esportivos (jogos, lutas, competições), **acadêmicos (palestras, seminários, congressos, aulas, feiras de ciências, experimentos científicos, histórias)** e outros, por meio de informação sonora. Transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. Além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição amplia também o entendimento de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxicos. (MOTTA, 2006, p.1, grifo nosso).

Para tanto, os estudos desta pesquisa direcionam-se para uma explanação sobre o uso da técnica como ferramenta pedagógica de acessibilidade, a exemplo de apresentações de seminários e aulas com utilização de slides, vídeos, filmes e situações que venham a acontecer dentro da sala de aula, a exemplo dos gestos complementares para a aprendizagem, como apontar para o quadro mostrando uma palavra, que possam ser convertidas em informação sonora.

Colaborando com a definição, consideramos importante o conceito trazido por Jiménez Hurtado (apud LEÃO; BRAGA, 2013, p.49):

A audiodescrição é um serviço de apoio à comunicação, cujo objetivo é traduzir ou explicar a parte visual de qualquer tipo de mensagem, por meio de uma informação sonora adequada, de maneira que o deficiente visual perceba o conteúdo da mensagem de forma completa e harmônica, o mais próximo possível de como é percebido por uma pessoa que vê. (HURTADO apud LEÃO; BRAGA, 2013, p.49).

Frente ao exposto a AD é uma tradução que transforma toda a informação visual em palavras, ou seja, audiodescreve aquilo que é mostrado de forma visual. Também podendo ser utilizada nas salas de aula, tendo em vista que o recurso gera maiores oportunidades de aprendizagens e acesso a conteúdos não vistos.

As primeiras produções com audiodescrição (AD) datam de meados dos anos 70, precisamente em 1975, nos Estados Unidos, de acordo com a dissertação de mestrado de Gregory Frazier, sendo atualmente muito utilizada em vários países, como Japão, Espanha, Reino Unido e França. Após o surgimento alguns deles formalizaram sua criação de forma mais técnica para utilização. (FRANCO; SILVA, 2010).

Pouco mais de três décadas de sua expansão internacional, a audiodescrição (AD) chega ao Brasil em 2003, no Festival Internacional de Filmes sobre deficiência com o espetáculo “Assim Vivemos”, em seguida houve o lançamento do primeiro DVD audiodescrito no país, no ano de 2005, com o título Irmãos de Fé e depois “Ensaio sobre a Cegueira” em 2008.

No ano de 2011, a AD tornou-se obrigatória nas emissoras de televisão (TV) brasileiras com transmissão digital, desde que foi promulgada a Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. (BRASIL, 2000). Atualmente após embates com as emissoras de TV instituiu-se a Portaria 188/2010, que inclui 4 horas de audiodescrição em suas programações semanais. (BRASIL, 2010).

Por conseguinte, percebe-se que a utilização da tecnologia assistiva (TA) não está atrelada somente ao universo televisivo, espetáculos de dança, filmes e outros. Pode e deve ser disseminada em práticas pedagógicas inclusivas, dentro e fora da sala de aula, criando para o aluno deficiente visual oportunidade de conhecer a amplitude de tudo que está apresentado sob a forma de imagem, ampliando a leitura mais crítica dos conteúdos imagéticos, aumentando assim como aponta Motta (2013) o entendimento, motivação, participação, e repercussão positiva no processo de aprendizagem de todos os alunos.

3.2 E A PSICOPEDAGOGIA, É UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

Segundo Bossa (2011), a Psicopedagogia estuda a aprendizagem humana: como se aprende, como essa aprendizagem varia evolutivamente, condicionada por diversos fatores; além de como são produzidas as alterações na aprendizagem, como podem ser reconhecidas, tratadas e prevenidas. Para tanto, apresenta caráter preventivo e terapêutico, no âmbito

institucional e clínico, avaliando e intervindo com o propósito de desenvolver habilidades, prevenir e tratar possíveis dificuldades em qualquer etapa do desenvolvimento humano.

Ao tratarmos das pessoas com deficiência, que tem limitações físicas, cognitivas e também sensoriais, que podem apresentar dificuldade no seu aprendizado, apesar de que não é um fato isolado que obrigatoriamente vai gerar um déficit de aprendizagem; não é porque o ser humano tem uma deficiência que ele terá consequentemente uma dificuldade no processo de aprender.

Sendo assim, fatores específicos podem gerar distorções neste processo em função de algumas barreiras, como práticas e posturas pedagógicas inadequadas que levam o ser humano a situações que o impedem de aprender. Neste ponto, a psicopedagogia funciona, como agente preventivo, mediando à relação professor-aluno com objetivo de diminuir ou impedir que existam maiores obstáculos no processo de aprendizagem.

Na Instituição a psicopedagogia vem colaborar com o campo das dificuldades de aprendizagem, de modo preventivo, criando espaços e oportunidades, fazendo quando necessário o uso de recursos de outras áreas do conhecimento para que o aluno supra sua necessidade em compreender determinado conteúdo. Bossa (2011), retrata que no trabalho preventivo institucional são avaliados os processos didático-metodológicos e também a dinâmica institucional que possam interferir no processo de aprendizagem.

Sendo assim, nesta pesquisa a psicopedagogia busca no campo da comunicação, subsídios que possibilitem ao aluno com DV mecanismos para consolidar sua aprendizagem e equiparar com os demais alunos as mesmas condições e oportunidades. Fazendo assim, a utilização da técnica da audiodescrição (AD) para viabilizar o entendimento do conteúdo visual, muito utilizado para uma maior dinâmica e envolvimento dos alunos na sala de aula, e que os deficientes visuais não têm acesso, em função de sua limitação sensorial.

Para tanto, esta área do saber, na procura por melhorias no processo de ensino aprendizagem orienta o professor sobre a busca e utilização de conhecimentos advindos da técnica da AD, para então introduzirem no planejamento e na metodologia de suas aulas, posturas inclusivas com intuito de auxiliar e apoiar para que o DV possa estar inserido no universo visual encontrado no ambiente acadêmico, sem que ele seja excluído, respeitando assim a especificidade de cada ser.

4 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO DEFICIENTE VISUAL: O MUNDO ATRAVÉS DA LINGUAGEM.

Conviver com a falta de qualquer um dos nossos sentidos é uma perda significativa, considerando o fato que a deficiência pode deliberar com relação às outras pessoas exclusão social (SOUZA, 2008). Hoje com os avanços das políticas públicas de inclusão, cada vez mais é notado o acesso garantido aos níveis mais elevados de ensino.

Segundo Motta (2013), paralelo ao avanço da tecnologia assistiva (TA), os alunos com deficiência visual ainda encontram dificuldades em seu processo de aprendizagem. Tais obstáculos, iniciam desde a falta ou atraso na elaboração de materiais em braille ou ampliados, chegando ao despreparo de alguns professores em adaptar as atividades, seus procedimentos e estratégias utilizados no contexto da sala de aula.

A audiodescrição torna-se um instrumento de mediação pedagógica de baixo custo e fácil acesso dentro da sala de aula. Funciona com mais agilidade, visto que ela é praticada simultaneamente nas aulas, fazendo com que o DV tenha acesso à mesma informação e no mesmo tempo que os demais colegas. Colaborando para que eles façam inferências, deduções e possam chegar a conclusões com autonomia, no caso de exposição a conteúdos visuais.

A visão é uma das principais fontes de acesso a informação, ela é um caminho importante para ter o conhecimento, porém não é a única fonte para que isso aconteça. Os outros sentidos, como o tato, o olfato e a audição também possibilitam contato com o mundo, assim consequentemente devem ser explorados e ainda a linguagem que desempenha um importante papel por meio das relações sociais.

Na realidade, o conhecimento não é mero produto dos órgãos sensoriais, embora estes possibilitem vias de acesso ao mundo. O conhecimento resulta de um processo de apropriação que se realiza nas/pelas relações sociais. (VYGOTSKI, 1997 apud NUERNBERG, 2008, p.311)

Ainda segundo Nuernberg (2008), nos estudos de Vygotsky é negada a noção de compensação biológica do tato e da audição em função da cegueira, colocando, portanto o processo de compensação social centralizado na experiência advinda da linguagem, em função de superar as limitações advindas da impossibilidade em acessar diretamente à informação visual.

Entendemos que somente o uso dos outros sentidos não é suficiente para garantir a aprendizagem, pois é necessária a mediação de outra pessoa para que o deficiente visual possa atribuir maior significado no que está tocando, como por exemplo, mapas, maquetes, desenhos, sobretudo o universo imagético necessita da intercessão. Em decorrência da

mediação do outro que o DV perceberá e assim poderá imprimir significados diante das informações em contato com um contexto social. (VYGOTSKY, 1999)

Não é, portanto, apenas através dos olhos, dos ouvidos e das mãos em contato com os objetos, que tomamos contato e conhecimento do mundo, mas sim quando associamos e aprendemos os significados atribuídos aos símbolos e códigos social e culturalmente construídos. (MOTTA, 2013, p.7).

A linguagem verbal torna-se então, um grande instrumento de mediação social, cultural e afetiva que proporcionará o desenvolvimento integral do não vidente e assim permitirá que ele tenha conhecimento e possa compreender o mundo, para assim interpretá-lo, completando as lacunas causadas pela perda total ou baixa visão.

A autora coloca ainda que aliada a linguagem verbal, a linguagem do mundo imagético exercem um importante papel no processo de aprendizagem.

Além da linguagem, as imagens desempenham um papel importante no processo de aprendizagem. Elas ilustram, provocam reflexões e emoções, estimulam, motivam, promovem a curiosidade, completam e antecipam os sentidos que serão construídos pela leitura, contribuindo para o entendimento do próprio texto. (MOTTA, 2013, p.7).

Desta forma, a linguagem verbal aliada à linguagem não verbal, encontrada nas imagens e que o deficiente visual não tem acesso, consolidam-se como um valioso canal de acesso ao aprendizado para este grupo. Para (NUNES; LOMÔNACO, 2010), quando caminhos diferenciados são concedidos devido a ausência de visão, o desenvolvimento do deficiente visual se enche de possibilidades e limitações, assim como qualquer outro ser humano.

Consistindo assim, como uma ferramenta pedagógica de acessibilidade, a audiodescrição exerce o papel de mediar o conhecimento entre uma forma de linguagem e outra, transformando o que se encontra no formato visual em palavras e facilitando a compreensão daquele que não pode enxergar.

Cientes da importância da linguagem e do papel das imagens e conhecedores da audiodescrição como ferramenta pedagógica, os professores poderão completar o discurso escolar com informações descritivas que permitam a visualização, a leitura mais crítica dos elementos imagéticos, com consequente ampliação do entendimento, motivação, participação, e repercussão positiva no processo de aprendizagem de todos os alunos. (MOTTA, 2013, p.8).

Ressaltamos então, a importância do professor adquirir conhecimentos advindos da técnica da audiodescrição, pois é ele que dentro da sala de aula exerce um papel muito importante no acesso as informações e aprendizagem dos deficientes visuais. Vale salientar, a

relevância da capacitação do educador objetivando a construção de práticas e atitudes inclusivas visando atender uma demanda heterogênea, assim como em qualquer espaço educativo, partindo da exclusividade de cada ser humano.

Cumpre ainda destacar, que o objetivo da educação das pessoas com deficiência visual tem que ser o mesmo das pessoas videntes. Considerando que a conquista deste objetivo deve ser feita por vias alternativas, em função de suas necessidades educacionais específicas, assim como a aprendizagem da leitura e da escrita é feita por meio do Braille. (NUERNBERG, 2008). Portanto, a sala de aula deve adequar-se aos seus alunos, criando e proporcionando para eles um ambiente de aprendizagem que lhe dê condições de consolidar seus conhecimentos, através de múltiplas formas de linguagem, quando assim for necessário.

5 A SALA DE AULA COM AUDIODESCRIÇÃO

A sala de aula há muito tempo não é mais um ambiente restrito ao quadro negro e ao giz do professor. Assim como aponta Freire (1996), que ao entrar em uma sala de aula o professor deve estar aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições. O autor ainda retrata que, saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção e também sua construção.

É importante que o professor, crie oportunidades de aprendizagens para seus alunos, tornando-os cidadãos críticos e reflexivos, para tanto ele pode fazer uso de metodologias e materiais que sirvam de apoio a sua prática pedagógica. Com o desenvolvimento das novas tecnologias e sua consequente disseminação, podemos observar uma variedade de ferramentas que buscam acrescentar ao trabalho do professor, tanto no que diz respeito ao processo de pesquisa, como na atuação dentro da sala de aula.

Consequentemente, tais equipamentos e recursos tecnológicos geralmente de cunho imagético como: slides, vídeos e filmes tão utilizados pelos educadores podem não ser aproveitados por todos os alunos, a exemplo dos alunos com deficiência visual. Por ser de natureza imagética, tais recursos contemplam mais o aspecto visual que o sonoro, desfavorecendo os alunos cegos.

Hoje em dia, de que modo o professor que tanto usufrui dessas tecnologias pode continuar a usar esses recursos adequando-os para alunos com deficiência visual? A audiodescrição pode ser um caminho.

Trata-se de um recurso técnico com potencial de inclusão, e que pode ser adaptado as diferentes condições ambientais, e aplicado nos diferentes contextos. Dessa forma, revela-se como potencializador de inclusão também em sala de aula, no

contexto da educação inclusiva no ensino a estudantes cegos. (NUNES; FONTANA; VANZIN, 2011, p.5).

Além de proporcionar um melhor aproveitamento das tecnologias, a audiodescrição possui um caráter reconhecidamente inclusivo, pois aproxima as diferenças, possibilitando a compreensão da imagem ou vídeo pelos alunos videntes e os não videntes de forma simultânea, equiparando as oportunidades ao acesso às imagens e consequentemente as informações contidas nelas.

Para Silveira et al. (2013), cada produto audiovisual é entendido de maneira única e que seu público é heterogêneo, sendo assim afirmam que é fora de questão universalizar diretrizes, em vista da singularidade de cada produto, o que para os autores é mais importante do que simples instruções sobre como audiodescrever. De modo que não invalida a importância de conhecer as diretrizes, pois são um ponto de partida para interessados em aprender as técnicas da audiodescrição.

Como foi observado a audiodescrição é utilizada em diversos contextos, tendo como início as obras cinematográficas e posteriormente a aplicação da técnica em peças teatrais, nesses dois ambientes, quem tem a responsabilidade de fazer a descrição das cenas e atos, são os audiodescritores. Na sala de aula quem poderia fazer esse papel? Na opinião de pesquisadores que se propuseram a estudar esse tema, fica claro que corresponde ao professor tal responsabilidade.

Na nossa perspectiva, também cabe ao professor atuar como audiodescriptor, pois trata da figura que se propõe a ensinar e quando o faz, não pode limitar-se a nenhuma barreira que eventualmente atrapalhe o desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos, principalmente se este tiver meios para superar ou amenizar essa dificuldade. O professor tem a responsabilidade para mediar o processo, mas, com um aluno DV, ele também pode criar oportunidades de aprendizado e crescimento para a sala inteira.

Na escola o próprio professor pode descrever o universo imagético presente em sala de aula como ilustrações nos livros didáticos e livros de história, gráficos, mapas, vídeos, fotografias, experimentos científicos, desenhos, peças de teatro, passeios, feiras de ciências, visitas culturais, dentre outros, sem precisar de equipamentos para tal, mas ciente da importância de verbalizar aquilo que é visual, o que certamente irá contribuir para a aprendizagem de todos os alunos. (MOTTA, 2011, p.30).

O que nos parece claro, é que o professor tem que servir de exemplo para os alunos, ter a percepção que como educador pode ajudar a criar uma consciência e uma postura inclusiva no alunado, fazendo que os discentes consigam assimilar e posteriormente

reproduzir esses ensinamentos. Audiodescrever um vídeo, filme, imagens, poderia ser uma tarefa compartilhada, assim, todos incorporariam a premissa da audiodescrição.

Neste caso, muito mais que uma técnica de tradução, trata-se de uma cultura de inclusão, que pode e deve contagiar também os colegas estudantes, ao seguirem as técnicas da objetividade e clareza na audiodescrição de elementos visuais. (NUNES; FONTANA; VANZIN, 2011, p.5).

O conhecimento da técnica é muito importante para que os professores possam exercer essa função de elo entre as imagens e os conteúdos delas verbalizados para os alunos cegos. Mas como o educador pode fazer isso na sala de aula? Tomamos então, por base as orientações do Ministério da Educação para descrição de imagens estáticas como: fotografias, mapas, fluxogramas, tiras cômicas, cartuns, tabelas e organogramas produzidos para a geração de material digital acessível – o Mecdaisy.

O Mecdaisy foi lançado em 2009 pelo Ministério da Educação (MEC) e é um *software* que transforma as palavras escritas em áudio, permitindo a navegação em textos digitais de forma mais avançada. Em 2012 o Ministério da Educação lançou a NOTA TÉCNICA N°21/2012/MEC/SECADI/DPEE, com o propósito de orientar as descrições de imagens de obras disponibilizadas pelo *software*.

A referida Nota Técnica, traz 30 requisitos para a leitura de imagens estáticas, selecionamos algumas que para nós, sintetizam de forma satisfatória o que nos propusemos a defender neste trabalho, para isso exemplificaremos por meio de uma imagem da tira cômica “Mafalda” do cartunista argentino Quino, personagem que regularmente é trazida para dentro da sala de aula.



Figura 1: Descrição de tira cômica

Fonte: <http://clubedamafalda.blogspot.com.br/>

Legenda: Tira cômica, sem título, com a personagem argentina Mafalda, do cartunista Quino.

Descrição: uma tirinha, dividida em 3 quadros com a cor marrom ao fundo, mostra Mafalda uma menina de aproximadamente 7 anos, a blusa verde com bolinhas pretas, laço verde no cabelo preto com franja, sentada no chão lendo um livro marrom escuro. Suas falas estão dentro de balões.

Q1 – Mafalda segura um livro com as mãos, lê: Sempre temos 20 anos em algum recanto do coração.

Q2 – Mafalda com o livro fechado na mão direita, a mão esquerda no peito, com a cabeça levemente inclinada para baixo.

Q3 – Mafalda com o livro fechado na mão direita, a mão esquerda no peito, com a cabeça erguida, olhando para frente, pensa: E para que alguém vai querer esse estoque acumulado?

No exemplo acima, podemos observar alguns dos requisitos de orientação para descrição de imagens estáticas. Basicamente consiste em: *descrever a fonte* (de onde foi tirada a imagem) *a legenda* (com o nome do autor) e em seguida *de forma clara e objetiva*, usando um vocabulário acessível, *descrever quem são e quantos são as personagens*, (Mafalda) *caracterizá-los* (uma menina de aproximadamente 7 anos, a blusa verde com bolinhas pretas, laço verde no cabelo preto com franja), *falar sobre o cenário* (cor marrom ao fundo) *localizá-lo* (sentada no chão lendo um livro) para depois *fazer a descrição de cada quadrinho*. Falar também como aparecem às falas, se dentro ou fora de balões, se o desenho do balão aportar para algum significado, como pensamento, deverá ser apontado na descrição do quadro onde aparece, caso que aconteceu em nosso exemplo.

Como dito anteriormente, esses requisitos estão na Nota lançada pelo MEC, como guia para que seja construído no aluno deficiente visual o retrato verbal de pessoas, objetos, ambientes, paisagens sem julgamentos e opiniões pessoais, assim se consiste a audiodescrição.

Motta (2013), também propõe algumas orientações para as apresentações de *slides*, recurso bastante utilizado em aulas, palestras, seminários e reforça ainda à medida que os professores forem apresentando os *slides* deverão ler o texto em destaque e as imagens que ilustram cada *slide*. Pois segundo a autora, as frases agilizam o processo de descrição desse recurso tão usado na sala de aula.

Mediante a sugestão no quadro a seguir:

Quadro 1- Orientações para apresentações de slides.

A imagem que ilustra esse slide é de...
O slide é ilustrado por foto de...
O gráfico mostra...
O slide cujo título é... é ilustrado por...
No slide uma foto de...
No slide o gráfico mostra o resultado de...

Fonte: MOTTA (2013)

Além de propor a audiodescrição para as imagens estáticas, nosso trabalho também ressalta a importância dos gestos, atos e comportamentos do professor em sala de aula. Por desatenção ou até mesmo falta de preparo, os professores deixam de praticar alguns procedimentos que facilitariam a aprendizagem do aluno não vidente. O simples fato de avisar quando irá começar a escrever no quadro que para muitos alunos não faria nenhum sentido, para os que possuem deficiência visual pode fazer toda a diferença.

Neste contexto, podemos extrair da audiodescrição executada nos teatros, meios para tornar as aulas mais inclusivas e eliminar barreiras de acesso a comunicação nas salas de aula. Então, quais as possibilidades para o professor fazer isso? Segundo (MATAMALA, 2007 apud LEÃO, 2013), a narração da audiodescrição de uma peça teatral é realizada ao vivo, mas seu roteiro é feito com antecedência. Ainda segundo o autor uma característica importante desse tipo de audiodescrição é que o roteiro e a narração sejam realizados pela mesma pessoa.

Do mesmo jeito que acontece no teatro, acontece na sala de aula, o professor prepara aula com antecedência, mas geralmente são ministradas ao vivo, e sempre cabe uma improvisação, pois ao contrário do cinema e das imagens estáticas, as peças teatrais e as aulas são interativas, e o professor tem que saber o que fazer quando surgir uma interação não esperada, como por exemplo, tiver um aluno deficiente visual em sala de aula.

Mais que uma técnica, a audiodescrição pode servir para que o professor possa formular uma nova metodologia para o planejamento e atuação das aulas, procedimentos que embora sejam simples, são essenciais para o auxílio da aprendizagem dos deficientes visuais. Para Lima (2010), a audiodescrição deve ser elaborada a partir de uma linguagem clara, simples, objetiva e acessível, de forma que a compreensão do conteúdo não seja prejudicada.

Procurar planejar a aula e a própria postura considerando a possibilidade de adaptações, ou de já preparar o conteúdo pensando na maneira de atingir os alunos com

deficiência visual de forma satisfatória, é entender que descrições de gestos, como por exemplo, apontar para uma palavra importante no quadro sem citá-la verbalmente faz toda diferença, que não ditar o que está escrevendo na lousa pode deixar estes alunos sem entender o que se passa na aula.

Da mesma maneira que no teatro o ator usa o corpo e a voz para expressar o que se quer expressar, na sala de aula o professor tem que considerar o uso das próprias expressões para que não atrapalhe o entendimento por parte dos alunos deficientes visuais. E ainda mais importante, não ocultar informações que são complementares para atribuir significado aos conteúdos apresentados.

6 METODOLOGIA

6.1 DELINEAMENTO

O presente estudo classifica-se de caráter descritivo, de corte-transversal, tendo por finalidade a identificação e definição de problemas relevantes ao tema. A pesquisa é de natureza qualitativa, feita através da interrogação direta das pessoas estudadas. Os dados foram analisados segundo Bardin (2009) que propõe a análise de conteúdo agrupando os elementos do discurso em temas.

6.2 PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa (03) três alunos com deficiência visual da Universidade Federal da Paraíba, sendo (01) um aluno do curso de Rádio e TV (Aluno1), um de Jornalismo (Aluno2) e uma aluna de Psicopedagogia (Aluno3), o sexo e a idade não foram fatores essenciais para este trabalho. Os critérios adotados para selecionar os participantes foram: Primeiramente, o aluno deveria estar regularmente matriculado em qualquer curso da Instituição e já ter cursado no mínimo dois períodos, pois neste tempo os acadêmicos entrevistados já teriam adquirido experiências para expor suas opiniões sobre as práticas pedagógicas dos professores, em sala de aula. Outro critério, a ser considerado foi que os alunos deveriam ser de cursos diferentes, para então podermos averiguar as metodologias aplicadas em cursos distintos, no entanto, sendo da área específica das Ciências Humanas. Para cumprirmos com o objetivo desta pesquisa a escolha dos participantes para este estudo foi por conveniência, de natureza não aleatória. Além destes critérios descritos acima, participaram desta pesquisa somente os alunos que concordaram em fazer parte do estudo, após aceitação e assinatura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*.

6.3 INSTRUMENTOS

Optamos pela pesquisa qualitativa por acharmos ser o mais interessante para nossa investigação. Adotou-se como instrumento de pesquisa um questionário (Apêndice A) contendo 13 questões, sendo inicialmente 11 questões objetivas, para medir a frequência de determinadas respostas, além de 2 questões subjetivas, afim de acrescentar possíveis considerações, a cerca das perguntas anteriores, servindo como complemento discursivo.

6.4 PROCEDIMENTOS

Primeiramente, buscamos fazer o levantamento da literatura já existente sobre audiodescrição na prática pedagógica, posteriormente escolhemos as referências que julgamos ser as mais significativas para o desenvolvimento do estudo. Em seguida, procuramos estabelecer contato com os sujeitos da pesquisa, sondando-os por meio de uma conversa informal, explicando o intuito e a importância do estudo, tanto para os alunos quanto para as práticas dos professores.

Logo após, os alunos foram convidados a participar da pesquisa e no ato foi esclarecido quanto à voluntariedade da participação e também o anonimato e confidencialidade de todas as informações. Na sequência, ao responder todas as dúvidas, informamos que os dados coletados e os resultados ficarão disponíveis para os interessados. Esse procedimento atende às exigências necessárias para a sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, do Hospital Universitário Lauro Wanderley, da Universidade Federal da Paraíba.

Após a aceitação, encaminhamos o questionário a ser aplicado por meio de correspondência eletrônica, com o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, conforme os preceitos éticos vigentes para a realização de pesquisas com pessoas, defendidos pela Resolução n. 466/12 do CNS/MS. Por conseguinte, quando os questionários foram respondidos eram devolvidos através do mesmo canal de comunicação.

6.5 ANÁLISE DOS DADOS

O questionário tem o caráter quantitativo na medida em que enumera as vezes que determinada resposta aparece, mas é basicamente de caráter qualitativo, pois as próprias respostas trazem em si, uma reflexão sobre a questão, sendo analisado conforme a proposta de Análise de Conteúdo segundo Bardin (2009). Ficou dividida em três temas: O primeiro tema com relação “*Ao professor e a utilização de recursos tecnológicos e imagens*” (Questões 2, 3,

4, 5 e 6), o segundo tema sobre “*O professor e práticas gestuais*” (Questões 7, 8, 9, 10 e 11) e o terceiro tema evidenciando “*As maiores dificuldades e as possíveis soluções*” (Questões 1, 12 e 13).

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para Silveira et al. (2013) um roteiro de AD pode parecer bom na perspectiva de uma pessoa sem deficiência, mas ainda deve atender às necessidades de um público no qual o audiodescritor não faz parte. Revela-se então, a importância de ouvir os deficientes visuais, com o intuito de compreender suas reais necessidades, na tentativa de melhorar o processo de aprendizagem.

De acordo com análise dos dados ficou evidente que todos os alunos pesquisados não acreditam que a maioria dos seus professores estejam capacitados para ministrar aulas para deficientes visuais. Essa conclusão pode ser explicada por ações ou pela falta delas em sala de aula (Questão 1).

Analizando o Tema 1: “*Ao professor e a utilização de recursos tecnológicos e imagens*” foi constado com a pesquisa que todos os professores utilizam ou utilizaram algum recurso tecnológico em sala de aula, principalmente os de cunho imagético como slides, vídeos ou filmes, apontados pelos alunos (Questões 2 e 4). Perguntados se os professores descrevem os slides, somente um aluno respondeu que sim (Questão 3). Indagados sobre vídeos e filmes assistidos dentro da sala de aula, todos os entrevistados afirmaram que os professores não audiodescrevem o que se passa na tela (Questão 5). Um dado importante apresentado pelo questionário foi que nenhum professor utilizou algum filme com audiodescrição (Questão 6).

Em referência ao Tema 2: “*O professor e práticas gestuais*”, dos alunos pesquisados, somente um deles afirmou que seus professores avisam quando vão escrever no quadro (Questão 7), mesmo assim, quando iniciam o apontamento na lousa não continuam ditando as palavras enquanto escrevem, como apontado por todos (Questão 8).

Quando perguntados se acham que os professores gesticulam enquanto explicam o assunto, (Questão 9) como por exemplo: apontar para uma palavra no quadro, os participantes acreditam que sim, mas ao mesmo tempo afirmam que não são avisados desses gestos (Questão 10). Apenas um dos alunos entrevistados não acredita que os gestos feitos pelos professores são importantes para o entendimento do assunto (Questão 11).

Na análise do Tema 3: “*As maiores dificuldades e as possíveis soluções*”, partindo da Questão 12, que versava sobre “*as maiores dificuldades dentro da sala de aula*”, descritas nos depoimentos a seguir:

Aluno1: Uma das maiores dificuldades encontradas é quando os professores passam provas e colocam questões inacessíveis, por exemplo, as que possuem imagens e por eles não possuírem o conhecimento não conseguem adaptá-las, outra dificuldade são os filmes que são passados e não tem audiodescrição.

A transcrição da fala acima descreve fielmente os numerosos recursos imagéticos, a exemplo dos filmes e das imagens, os quais foram apontados no desenvolver do trabalho e que estão contidos na sala de aula.

Podemos perceber que o *Aluno1* cita as dificuldades quando são elaboradas provas com imagens, além disso, relata a falta de conhecimento dos professores em adaptá-las. Essa imagem do professor citada pelo aluno é justamente o que este estudo pretende redefinir, mostrando uma possível solução para amenizar esse tipo de situação, apresentando ao professor a técnica e as orientações básicas para a descrição de imagens.

Também é relatado por *Aluno1* que os filmes utilizados em sala de aula, não possuem audiodescrição o que dificulta o entendimento da película pelo aluno não vidente. Cabe aqui uma reflexão sobre a escolha do filme: Será que o filme a ser exibido tem uma versão com audiodescrição? Caso tenha, porque não utilizá-la? Sabendo que não atrapalharia os alunos videntes. Sabemos que vídeos também são utilizados, e que geralmente são menores que os filmes, e não possuem audiodescrição, neste caso como já foi descrito acima na sessão “*A sala de aula com audiodescrição*”, o professor pode definir um roteiro audiodescrita, previamente elaborado como os já existentes para o teatro e ele mesmo aplicá-lo em sala de aula, pois supõe-se que o professor ao escolher um filme ou vídeo para exibi-lo, saiba do conteúdo do mesmo.

Aluno2: É fato que uma das maiores dificuldades em sala de aula, é a falta de adaptação dos materiais usados para ministrar a disciplina. Se é um filme, a maioria das vezes esse filme é legendado, prejudicando a elaboração de trabalhos passados.

Basicamente o *Aluno2*, reitera as dificuldades expostas pelo *Aluno1*, a falta de materiais adaptados para ministrar as disciplinas. Também expõe dificuldades com relação aos filmes exibidos em sala de aula, agora com mais uma barreira, dizendo que a maioria das películas são em língua estrangeira, tendo a legenda como tradução, o que dificulta bastante o entendimento do aluno deficiente visual. Mais uma vez cabe a reflexão sobre o filme a ser escolhido para exibição: Será que tem uma versão do filme dublado com audiodescrição? Pois se tiver ao menos uma versão dublada sem audiodescrição poderia repetir as orientações ditas

no caso do *Aluno1* um roteiro audiodescrito, previamente elaborado, como feito para peças teatrais.

Partindo do ponto de vista, que cabe ao professor a escolha do vídeo ou filme a ser exibido e supondo que esta película seja indispensável para determinada aula, e só dispõe desse material com legenda, também é de responsabilidade dele fazer com que o aluno deficiente visual tenha a mesma oportunidade dos alunos não deficientes.

Aluno3: Uma das maiores dificuldades é em relação aos materiais que não estão em dia. Muitas vezes, não tenho como acompanhar as aulas por não ter textos em braile na hora da aula. Os meus professores não ditam o conteúdo e não são bem preparados para dar aula a uma pessoa com deficiência visual.

Na falta de materiais acessíveis, livros, apostilas, textos e tantos outros que não chegam a tempo de serem transcritos para o Braille, facilitando assim o acompanhamento da temática abordada já na sala de aula. Seria ideal se o professor pudesse encaminhar o material para o setor de tradução antes de levá-lo para a sala de aula, que houvesse tempo suficiente entre a entrega e a devolução deste material, para que mais ideal ainda, se esse mesmo professor já chegasse à sala de aula com os textos que fosse utilizar em linguagem acessível para todos os seus alunos.

Consequentemente, o do vidente em português e o do deficiente visual em linguagem tátil, Braille e assim, a aprendizagem realmente ocorreria de modo igualitário, com as mesmas oportunidades. Vale ressaltar, o quanto numerosa é a demanda neste setor de tradução dentro da universidade, então apontando outra alternativa, tão viável e ágil, seria o professor enviar o material em formato digital antes da aula, partindo do pressuposto de que ele elabora e planeja sua aula antes, então este aluno previamente teria acesso a esses conteúdos e as dúvidas seriam retiradas em sala de aula.

No relato do *Aluno3*, especificamente, no trecho “*os meus professores não ditam o conteúdo*” cabe a observação feita sobre as práticas e gestos realizados pelos professores em sala de aula. Como foi verificado pelo questionário (Questões 7 e 8) muitos professores não avisam que vão escrever no quadro, e quando avisam esquecem de ditar enquanto escrevem. Os professores tem que entender, que pequenas ações para os videntes, podem fazer grande diferença para os não videntes, práticas simples como descrever o que vai ou está fazendo, significa a oportunidade dos alunos estarem realmente incluídos durante a mesma aula. É lembrar da audiodescrição também produzida nos palcos teatrais, usar o corpo e nesse caso a voz para situar os alunos do que acontece em sala de aula.

Dando continuidade, a Questão 13 delineava “*possíveis soluções para as dificuldades enfrentadas*”, constatamos nas falas de *Aluno1*: “*É necessário que exista capacitação para os professores [...]”* e *Aluno2*: “*Capacitando os professores através de cursos e treinamentos [...]”*, em ambos os relatos percebe-se a relevância da capacitação dos professores para atender as necessidades específicas de cada aluno. É uma realidade crescente, a cada semestre mais alunos adentram na universidade, e a formação continuada dos professores dentro da própria universidade é um fator preponderante para que as práticas na sala de aula sejam satisfatórias. As salas de aula necessitam estar preparadas para recebê-los e os professores podem fazer uso da audiodescrição neste percurso inclusivo.

Já na fala de *Aluno3*: “*Para melhorar essas dificuldades, é de extrema importância um maior empenho por parte de cada professor, incluindo os deficientes em cada aula e adaptando cada uma delas*”. Bastante expressivo esse relato, no qual intensifica o papel do professor, afirmando que grande parte das barreiras pedagógicas encontradas podem ser minimizadas através de sua própria atuação dentro e fora da sala de aula. Salientando, que em nenhuma aula ou disciplina haverá caminhos e percursos já prontos para o professor seguir, o que existe e isso sempre vai continuar existindo são possibilidades, entre as diferentes formas de aprender de uma pessoa para outra, com deficiência ou não.

Portanto, destaca-se a magnitude de uma prática pedagógica audiodescrita para atender demandas específicas dentro da sala de aula, no caso do aluno com deficiência visual, de modo adequado e prático. Com a busca de capacitação e a formação de uma cultura inclusiva, para que com o passar do tempo, não somente o professor faça esse papel na sala de aula, mas todos os alunos continuem disseminando essas práticas, que sirvam de espelho, para futuros profissionais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tudo que neste trabalho foi apresentado, podemos considerar como melhorias no processo de ensino aprendizagem, a extrema importância da inserção da audiodescrição na atuação do professor em sala de aula, consistindo na tradução daquilo que não se pode ver, porém pode ser dada a oportunidade de ouvir, interpretar e atribuir maior significado, perpassando o visual para o verbal. As práticas, metodologias, gestos, vídeos, filmes, imagens e todos os demais elementos visuais contidos neste ambiente e que não são acessíveis aos alunos com deficiência visual, podem fazer utilização deste valioso recurso para suprir com as lacunas nas quais dificultam a aprendizagem da pessoa com deficiência visual.

Aqui falamos de uma realidade inclusiva, de fato, posturas e atitudes que rompem qualquer barreira de acesso ao vasto conteúdo imagético existente em qualquer ambiente permeado de relações sociais. Elencamos a audiodescrição como recurso de tecnologia assistiva, fonte inesgotável de acessibilidade e neste caso, de baixo custo feito através do próprio professor dentro da sala de aula, apresentando e socializando com a comunidade acadêmica sobre a relevância da técnica como facilitadora da aprendizagem destes alunos.

A sala de aula é um local repleto de recursos imagéticos, que servem como complemento enriquecedor para a aprendizagem, sendo que estes recursos devem contemplar todos os alunos. O professor inclusivo é aquele que prepara seu material pensando em cada aluno matriculado na sua disciplina, então no planejamento prévio sobre qual conteúdo será ministrado ele fará a adaptação de todo material em conformidade com a necessidade de cada um desses alunos, especificamente os alunos do referido artigo, aqueles com deficiência visual.

Fazemos a observação, que a presença de recursos tecnológicos apontada nesta pesquisa rejeita a hipótese destes materiais deixarem de ser utilizados por parte do professor, esses materiais podem e devem fazer parte da metodologia cotidiana das práticas pedagógicas. A questão em pauta é que os recursos devem consequentemente atender todos, sem exceção, que façam parte deste ambiente de aprendizagem. O material que vai para sala de aula, antes mesmo de chegar até ela, deve ser pensado em satisfazer as necessidades de todos os alunos, sejam visíveis ou não visíveis.

Apresentamos nesta pesquisa, caminhos, estratégias pedagógicas e possibilidades que consideravelmente são de extrema importância na atuação do professor com a intenção de melhorar e facilitar a assimilação dos temas apresentados em sala de aula. Na criação de estratégias para melhorar as condições de aprendizagem dos alunos, destaca-se o papel do Psicopedagogo, profissional de influente colaboração na melhoria e qualidade da educação, porém ainda não possui sua profissão regulamentada, consequentemente ainda não pode atuar em Instituições de Ensino Superior, enquanto profissional graduado e formado na própria instituição pesquisada.

Entendemos que a universidade não é omissa na busca de melhorias pela inserção e permanência do aluno com deficiência nos diferentes espaços dentro do campus, direito este garantido por lei. Em função disso, formula-se através da Resolução nº 34/2013, que institui a Política de Inclusão e Acessibilidade da UFPB e cria o Comitê de Inclusão e Acessibilidade (CIA) da referida instituição, e em seu art.5º, parágrafo II diz: Compete ao CIA: “Desenvolver

ações junto a PROGEP a fim de promover cursos de capacitação para tornar a comunidade acadêmica cada vez mais inclusiva”.

Neste ponto se afirma a contribuição da temática abordada, a fim de oferecer capacitações aos professores para atuar junto aos alunos com deficiência visual em sala de aula, através de cursos ministrados por audiodescritores, para complementação da prática de ensino. Salientando ainda que, são poucos os estudos direcionados para uma realidade audiodescrita na prática pedagógica o que gerou uma limitação também a esta pesquisa.

Portanto, pesquisas futuras no campo da aprendizagem da pessoa com deficiência visual fazendo o uso da audiodescrição são fundamentais para o fortalecimento da técnica como prática inclusiva na sala de aula, favorecendo assim o desenvolvimento igualitário com todos os alunos no mesmo ambiente de aprendizagem.

AUDIO DESCRIPTION: A FACILITATOR RESOURCE FOR PEOPLE WITH LEARNING DISABILITIES VISUAL IN HIGHER EDUCATION

ABSTRACT: This work deals with audio description as inclusive pedagogical tool in the classroom, consisting of the conversion of all visual content that can not be seen by people with visual impairments in verbal content. With the main objective to analyze the use of audio description as mediation resource in teaching practice, which provides access to visual information in the classroom for visually impaired people, specifically intend to seek improvements in the individual learning process of teaching visually impaired, present the technique as a way to improve the teaching and learning process and socialize with the academic community about the importance of audio description as blind learning facilitator. From a methodological point of view, it is a qualitative research, descriptive, cross-cut of taking aiming at the identification and definition of relevant issues to the topic. We count on the participation of three visually impaired students of the Federal University of Paraíba, of both sexes and different age group. Adopted as a research instrument a questionnaire containing 13 questions, initially with 11 objective questions to measure the frequency of certain responses, and two subjective questions in order to add possible considerations, some of the above questions, serving as discursive supplement. Data from this study were analyzed according to Content Analysis proposed by Bardin through three analytical themes: The first theme regarding "The teacher and the use of technological resources and images", the second theme on "The teacher and gestural practices" and the third theme showing "The greatest difficulties and possible solutions." Although we realize that the university has been trying to improve as a social and inclusive space, it became evident that all students surveyed do not believe that most of the teachers are qualified to teach classes for the visually impaired, mainly due to the absence of adapted materials. We note, then, that we need to rethink some methodological practices within the academy and rebuild attitudes and truly inclusive classes within each course, ensuring a learning space on equal conditions for all students.

Keywords: Audio Description. Visual Impairment. Teaching Practice. Classroom.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BERSCH, Rita. **Introdução à Tecnologia Assistiva**. 2013. Disponível em: <http://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf> Acesso em: 11 out. 2015.

BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

BRASIL. **Decreto Nº 6949/2009**. Brasília: Presidência da República/ Casa Civil, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>. Acesso em: ago. 2015.

_____. **Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 dez. 2000.

_____. **Portaria no 188, de 24 de março de 2010**. Estabelece prazos para recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 dez. 2010.

_____. **Decreto Nº 5.296 de 2 de Dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm>. Acesso em: fev. 2015.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. 2012. NOTA TÉCNICA Nº 21/2012/MEC/SECADI/DPEE. **Orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível – Mecdaisy**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10538-nota-tecnica-21-mecdaisy-pdf&category_slug=abril-2012-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 15 out. 2015

CAMPOS, V. P. **Um Sistema de Geração Automática de Roteiros de Audiodescrição**. 2015. 89p. Dissertação (Mestrado em Informática). Universidade Federal da Paraíba. 2015

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. ed.35. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRANCO, E. P. C., SILVA, M. C. C. C. Audiodescrição: Breve passeio histórico. In: Lívia Maria Villela de Mello Motta, Paulo Romeu Filho. **Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras**. São Paulo: Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.

IBGE. Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. **IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2010. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_pdf.shtml>. Acesso em: 20 jul. 2015.

LEÃO, B. A., BRAGA, K. B. A audiodescrição para o teatro infantil. In: ARAÚJO, V. L. S., ADERALDO, M. F. **Os novos rumos da pesquisa em audiodescrição no Brasil**. 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2013. p. 24-46.

LEÃO, B. A., BRAGA, K. B. A audiodescrição de monumentos: uma experiência com o Theatro José de Alencar. In: ARAÚJO, V. L. S., ADERALDO, M. F. **Os novos rumos da pesquisa em audiodescrição no Brasil**. 1 ed. Curitiba, PR:CRV, 2013.p.47-59.

LIMA, F. J.; GUEDES, L. C.; GUEDES, M. C. Áudio-descrição: orientações para uma prática sem barreiras atitudinais. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, v.2, n.2, 2010. Disponível em: <<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/viewArticle/28>> Acesso em: 21 jun 2015.

LIMA, F. J. Introdução aos estudos do roteiro para áudio-descrição: sugestões para a construção de um script anotado. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, v.7, n.7, 2011. Disponível em:<<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/view/92/144>> Acesso em: 21 jun 2015.

MITTLER, P. **Educação inclusiva:** contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MOTTA, L. M. V. M. A. **Audiodescrição na Escola:** Abrindo caminhos para a leitura de mundo. 2013. Disponível em: <<http://www.vercompalavras.com.br/pdf/a-audiodescritcao-na-escola.pdf>>. Acesso em: 21 jun 2015.

_____. **Inclusão escolar e Audiodescrição:** Orientações aos educadores. 2011. Disponível em:<<http://www.vercompalavras.com.br/pdf/artigo-ciranda-da-inclusao.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2015

_____. **Audiodescrição:** recurso de acessibilidade para a inclusão cultural.2006 Disponível em:<<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1210>>. Acesso em 10 jul. 2015

_____. Guia de Orientações Básicas sobre Gênero, Deficiência e Acessibilidade. 2013. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Anahi Guedes de Mello & Felipe Bruno Martins Fernandes. Seção de audiodescrição: Lívia Maria Villela de Mello Motta. Disponível em: <<http://www.vercompalavras.com.br/pdf/apresentacoes-acessiveis.pdf>>. Acesso em 11 out. 2015

NUERNBERG, A. H. Contribuições de Vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 2, p. 307-316, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a13v13n2>>. Acesso em 20 set. 2015

NUNES, E. V.; FONTANA, M. V. L.; VANZIN, T. **Audiodescrição no ensino para pessoas cegas**. In: CONAHPA - Congresso Nacional de Ambientes Hipermídia para Aprendizagem, 2011, Pelotas. Conahpa, 2011. v. 1. Disponível em: <<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/123456789/720/3/Audiodescricao%20no%20ensino%20para%20pessoas%20cegas.pdf>>. Acesso em 20 set. 2015

NUNES, S.; LOMÔNACO, J. F. B. O aluno cego: preconceitos e potencialidades. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 1, p. 55-64, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a06.pdf>>. Acesso em 20 set. 2015

SILVEIRA, D. M. M. et al. Audiodescrição para além da visão: um estudo piloto com alunos da APAE. In: ARAÚJO, V. L. S., ADERALDO, M. F. **Os novos rumos da pesquisa em audiodescrição no Brasil**. 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2013. p. 201-211.

SOUZA, A. R. **Adaptação de filmes para deficientes visuais**. 2008. 55p. Monografia (Bacharelado em Comunicação), Universidade Federal da Paraíba.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999. 456p.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Questão um. Você acha que os seus professores são capacitados para ensinar aos deficientes visuais? Responda SIM ou NÃO.

Questão dois. Os seus professores já utilizaram ou utilizam slides em sala de aula? Responda SIM ou NÃO.

Questão três. Quando os professores usam slides eles descrevem o que contém em cada slide? Responda SIM ou NÃO.

Questão quatro. Os seus professores já utilizaram ou utilizam vídeos ou filmes na sala de aula? Responda SIM ou NÃO.

Questão cinco. Quando os professores usam vídeos ou filmes eles fazem audiodescrição para vocês acompanharem? Responda SIM ou NÃO.

Questão seis. Seus professores utilizam ou já utilizaram filmes ou vídeos audiodescritos? Responda SIM ou NÃO.

Questão sete. Quando os professores vão escrever no quadro eles avisam para que vocês possam copiar? Responda SIM ou NÃO.

Questão oito. Mesmo quando avisam que vão escrever eles continuam ditando enquanto escrevem no quadro? Responda SIM ou NÃO.

Questão nove. Você acha que os professores gesticulam enquanto explicam o assunto? Responda SIM ou NÃO.

Questão dez. Quando os professores fazem algum gesto vocês são avisados por eles qual o gesto foi feito? Responda SIM ou NÃO.

Questão onze. Você acha importante o professor dizer o gesto que ele faz quando está explicando o assunto? Responda SIM ou NÃO.

Questão doze. Nesta questão você poderá relatar quais as suas maiores dificuldades dentro da sala de aula, que não foram abordadas nas questões anteriores.

Questão treze. Como essas dificuldades poderiam ser melhoradas?

APÊNDICE B - DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

- 1) Qual seu nome?
- 2) Qual é a sua idade?
- 3) Qual seu sexo?
- 4) Qual seu curso?
- 5) Qual seu período?
- 6) Você possui cegueira ou baixa visão?
- 7) Sua cegueira ou baixa visão foi de nascença ou adquirida?
- 8) Caso foi adquirida, perdeu com qual idade?

ANEXO - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado (a) colaborador (a),

Esta pesquisa é sobre AUDIODESCRIÇÃO: UM RECURSO FACILITADOR PARA APRENDIZAGEM DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO SUPERIOR e está sendo desenvolvida por Liliane Cunha da Silva, aluna do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da Profª Norma Maria de Lima. O Objetivo geral do estudo é analisar o uso da audiodescrição como recurso de mediação na prática pedagógica que possibilita o acesso as informações visuais. Tal objetivo justifica a relevância acadêmica e social do projeto.

Solicitamos a sua colaboração para responder um questionário (com onze questões objetivas e duas questões dissertativas), como também autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos das áreas de educação e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Para que você possa responder o questionário com a máxima sinceridade e liberdade, queremos lhe garantir o caráter anônimo e confidencial de todas as suas respostas. Você também pode abandonar o estudo a qualquer momento sem prejuízo algum. Contudo, sua participação é muito importante para nós.

Ao responder, você concorda com este Termo de Consentimento Livre de Esclarecimento, que está de acordo com o disposto na Resolução 466/126, do Conselho Nacional de Saúde, estando ciente de que os dados fornecidos poderão ser utilizados para fins científicos e acadêmicos.

Por fim, estamos à sua disposição para esclarecer qualquer dúvida.

João Pessoa, ____ de _____ de 2015.